

marginal E periférica:
a literatura em efervescência nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados

Jucelino de Sales¹
Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos²

Somos a rebelião desse sistema, somos Poesia nas Quebradas, somos Marginais.
(Coletivo Poesia nas Quebradas, 2021, p. 13)

Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional
(Ferréz, 2002, p. 2)

Introdução: expansões do literário na modernidade tardia

A cena da literatura brasileira já não é mais a mesma. O palco que anteriormente até o passado próximo, embora com todas as infiltrações e insubmissões potentes dos desgarrados, subalternizados, oprimidos e subestimados, se acercava com as amarras, correntes, grilhões e estratégias de diferenciação no centro e em convergência para o centro, por meio de formas discursivas e ideológicas de singularização de seu mistério, agora mais do que nunca, com a revolução do pensamento, a democracia do sentimento, a multiplicidade, a política da diferença e a ética do lugar de fala se alastra profundamente em movimento de divergência convergente para as bordas, as margens, os guetos, as periferias, espalhando seu território expandido numa dilatação inesgotável e recriadora de seu mistério.

O café e o boulevard, ambientes paratópicos³ por excelência que conotavam o território reservado para o encontro com o autor, cenas de um não tão distante século XIX em que não casualmente o nosso maior escritor, o negro Machado de Assis, frequentava, é em nossa

¹Escritor, doutor em literatura (UnB), docente da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), pesquisador ligado à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), integrante do Coletivo Papo Reto, da Periferia Brasileira de Letras (PBL) e do Núcleo de Estudo, organização e difusão do conhecimento sobre literatura marginal (NEOLIM) e membro da Periferia Brasileira de Letras, disallesart@gmail.com.

²Mestra em letras - estudos literários (UEL), docente da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), pesquisadora ligada à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), integrante do Coletivo Papo Reto e do Núcleo de Estudo, organização e difusão do conhecimento sobre literatura marginal (NEOLIM), jhev.0203@gmail.com.

³O linguista e estudioso do discurso literário Dominique Mainegueau define a paratopia como um território fora de lugar que, nas palavras dele: “localidade paradoxal, *paratopia*, que não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se” (2016, p. 68). Sobre essa instância, diz ainda o linguista que, se de um lado, a *paratopia* se dá sob a condição de um lugar que tenta ser a soma de todos, “em contrapartida, ela é um espaço no qual os discursos constituintes devem delimitar um território, correlato de uma identidade discursiva, aquele no qual se instalam os diversos *posicionamentos* concorrentes” (2016, p. 68).

modernidade tardia substituído por salutareis paratopias de limiar coletivo e solidário: o bar, a rua, a praça. A mesma praça – arena livre – que, aliás, Castro Alves fazia, com grandiloquência, palanque para o turbilhão declamatório⁴ de sua palavra libertária e denunciadora do navio negreiro, metáfora dolorosa da consolidação escravagista de nosso mais desalentador trauma histórico e que hoje a cultura Hip Hop, a batalha de rima, o slam, o sarau de rap (e outras vocigrafias⁵) retoma, à força da voz, do levante e da performance, em múltiplas e heterogêneas declamações e musicalidades, em múltiplas letras, oralituras⁶, excessos e formas poéticas espalhadas e espalhando-se cada vez mais e com mais empoderamento pelas vielas, becos e memórias dos territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

Não basta mais falar literatura no singular, mas embora continuemos singularizando a palavra, sua universalização é definitivamente plural. Assim, onde se escreve literatura, ressoa literaturas, porque na mesma desmedida em que as culturas são múltiplas, heteróclitas e multifacetadas, as literaturas são inumeráveis, diversificadas em seus traços, formas, marginalias, pretextos, elos e confrontos.

Em cada rapper, poeta, mc, slammer pulsa um *griot*, pulsa um homero – aedo, rapsodo, vate – cantando para a musa de seu delírio (divino, místico ou terreno) a natureza criativa de sua experiência estética contida no trabalho poético do artífice da palavra, uma vez que debulha em nós certa sensação “de intensidade que não encontramos nos mundos histórica e culturalmente específicos em que nos encontramos” (GUMBRECHT, 2010, p. 128).

⁴ Sobre a verve retórica do poeta, o biógrafo Francisco Pereira da Silva em suas remissões, relata um 11 de agosto de 1865 em que Castro Alves, sob um silêncio geral, recita com solenidade e profunda comoção no casarão da Rua do Hospício o poema *O século*. Após a récita, atroam-se palmas de estudantes frenéticos com delírio geral da plateia. Para Silva, “foi a noite da maioridade do poeta e de sua consagração. Era agora um jovem cômico de seus direitos e deveres. Foi também uma noite memorável para a história de nossas letras. Naquele momento, o romantismo brasileiro inaugurava a sua terceira etapa: a da poesia social e política. E Antônio de Castro Alves é o seu apóstolo” (2001, p. 85).

⁵ Termo brevemente aludido por Paul Zumthor em *A letra e a voz*, para se pensar uma nova ciência que se ocupasse da voz, posteriormente retomando em ensaio por sua tradutora no Brasil e uma das pesquisadoras brasileiras mais alinhadas ao seu pensamento, Jerusa Pires Ferreira, e dilatado na tese de Roberta Marques do Nascimento, *Vocigrafias*, na qual empreende o percurso histórico da origem da noção e o estende conceitualmente “[...] com atenção voltada não só para os (as) indivíduos(as), mas também para os ambientes e contextos históricos, políticos, sociais e culturais de onde emana a voz. Formam-se, assim, pequenos mapas afetivos de vozes e de assuntos relacionados à voz relativos a âmbitos específicos, mas que contêm narrativas e conversam entre si” (NASCIMENTO, 2019, p. 24).

⁶ Leda Martins discute a noção e a delimita nos seguintes termos “diante dos [...] atos de fala e de performance [...] denominei *oralituras*, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, “letra”, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litora, “rasura” da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas” (2021, p. 25).

Há muito a avançar. Solitárias ou solidárias, provenientes do trabalho metódico com a palavra no gabinete de trabalho, seja uma mesa de estudo capenga ou o improvisado de outro móvel instalado na casa de alvenaria, seu lar, ou provenientes da cena compartilhada de saraus e/ou outros espaços divergentes, no improvisado da astúcia vocal e performática, as escrevivências, autoficções, projetos, estéticas, performances, oralituras, enredos, poemas e criatividades pulsantes no âmago de cada escritor marginal e periférico conformam a amplidão de uma extensa, polivalente e rizomática colcha de expressões literárias dispersas nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

Mas a prepotente geografia do abandono, da inércia, da invisibilidade e do apagamento ainda é imensa e devastadora. E essa geografia exclusivista desafia e nos atinge com a máquina podadora do cânone estabelecido, mas não somente, e também com a falta de explorações críticas, teóricas, incursões historiográficas que viabilizem e endossem a caudalosa produção literária marginal e periférica, embora essa falta, nos dois últimos decênios, principalmente após a guinada contestatória e produtiva de autores como Ferréz e Sérgio Vaz (NASCIMENTO, 2006), atravesse a significativa insurgência de um território contestado.

Dalcastagnè pondera que nesse território em disputa – o espaço literário brasileiro –, “o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (2012, p. 5). Ela frisa que a disputa pelo espaço, seja sua inscrição no mapa social ou numa narrativa, gera as fricções, fraturas e distanciamentos que posicionam no centro a literatura consagrada no cânone estabelecido e delegam às margens a literatura produzida à margem. E constata: “são essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão” (2012, p. 11).

Embora a disposição organizacional do campo literário esteja sendo contestada a partir de fraturas de reposicionamentos que visam reconfigurar o sistema, significativas tensões se estabelecem no território em disputa. Tensões

entre a ‘autenticidade’ do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

É esse o desenho insípido de um horizonte especulatório com muito ainda por se fazer. Que nos dois últimos decênios, desde a reviravolta impulsionada por Ferréz, com a edição de números da Revista Caros Amigos voltada para a publicação de poetas das margens, sua

própria produção literária devedora de nossa gênese precursora, a escritora Carolina Maria de Jesus, com sua gramática do cotidiano, escrita que nasce de outra potência da língua portuguesa, com o *pretuguês* assinalado outrora por Lélia Gonzalez, devotada com um terrorismo literário intenso carregado com a linguagem, as vidas e as relações da favela, e a partir também da impulsão de coletivos literários como a Cooperifa, que transformou um bar periférico da zona sul de São Paulo em centro cultural, com a escrita cortante e o manifesto da antropofagia periférica, a voz altissonante do poeta Sérgio Vaz que ressoa, *a arte que liberta não pode vir da mão que escraviza*, enfim, desde a guinada dos anos 1990, de onde aflora a literatura marginal que não é de forma alguma aquela literatura produzida pela geração mimeógrafo, com seus pares provindos de uma classe média burguesa também contestatória do cânone, e ao mesmo tempo não deixa de ser uma literatura veiculada à margem do corredor editorial, é essa literatura latente e manifesta nos territórios das periferias brasileiras que invade com sua revolta coetânea cada palmo dessa estúpida e estupefaciente experiência pós-moderna, fragmentada, cindida de rupturas, sonhos e esperanças, experiência inconclusa e adormecida em cada âmago cujo cálam e a voz aguardam sua audição, sua interlocução, sua coexistência.

Problemáticas historicamente consistentes: a deriva conceitual

A partir da constatação de Dalcastagnè de que “na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares” (2012, p. 18), imbuímos apresentar em seu posicionamento a falha que leva a uma contradição, relegando ao apagamento as literaturas em efervescência que derivam das rodas de slams, batalhas de rima, oralituras, literaruas, teatros de rua, editoras independentes, bibliotecas comunitárias, entre outras formas, múltiplas e divergentes, do fazer literário. A afirmação da pesquisadora apresenta um equívoco descritivo, que resulta do pensamento sociológico sistematizado que relaciona a literatura ao texto escrito e publicado que atinge a repercussão pública por meio da vendagem de livros. Nossa contemporaneidade, com a amplitude das formas do fazer literário, roga a exigência de sua problematização, reconfiguração e superação da ideia de sistema literário brasileiro prefigurado por Antonio Candido, na velha forma autor/obra/leitor.

Logo na introdução de seu trabalho dissertativo – estudo basilar para aproximação compreensiva desse campo –, Érica Peçanha do Nascimento pontuou que o termo “Literatura Marginal” inflou e culminou em diferentes significações, originando um terreno nebuloso de entendimento e definições,

Isso porque a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais” (2006, p. 1).

Mário Medeiros, em sua tese seminal, publicada a pouco mais de dez anos, que dedicou tanto à questão da literatura negra quanto periférica, tratou ambas as instâncias como ideias que se constituem em problemas historicamente consistentes que visou demonstrar ao longo de seu texto, com bases científicas e sociológicas, exumando e coligindo uma extensa gama de arquivos, mas que, na percepção do sociólogo, não chegam a se maturar propriamente em conceitos.

Em sua pesquisa, defendida em 2011, Medeiros retomou o debate em duas frentes, trazendo para o centro das preocupações teóricas tanto a questão negra, quanto à questão marginal:

As Literaturas Negra e Marginal serão tratadas aqui como ideias. Não são confecções literárias suficientemente sistematizadas e sobre as quais haja um consenso analítico razoável para serem denominadas por conceitos, embora muito citadas, defendidas ou atacadas. Todavia, também são mais que categorias explicativas de análise, como ferramentas que sirvam apenas para elucidar um problema maior. Elas, em si, já se constituem em problemáticas historicamente consistentes (MEDEIROS, 2011, p. 19).

Embora a discussão sobre a literatura negra – relevante em extremo vigor – se localize indissociável ao problema geral, detemos nossa atenção, prioritariamente, na órbita do marginal e do periférico. A evidência, para o momento de publicação da pesquisa, de *problemática historicamente consistente* é, para além de fato histórico, o marco sociológico de um território em plena expansão especulatória. Conforme o pesquisador tratou a questão, se há uma década exalava o ardor de uma ideia, em nosso tempo hodierno, a urgência de consolidação teórica impulsiona a expropriação da ideia meramente de categoria explicativa para a órbita da extensão conceitual, com arcabouço suficiente – desde produção literária, fortuna crítica, dados históricos, apontamentos dissertativos, teses e análises de sua estética dessa especificidade literária – para materializá-la definitivamente na classe dos conceitos.

A literatura marginal, na visada de Medeiros, com a guinada nos anos 1990, é “*vista como um dado espacial e sócio-histórico*” (2011, p. 102), ou mais especificamente, “ela não é um estilo circunstancial de vida, *ela é a própria vida*, de cuja condição não se pode abdicar tão facilmente, pois é fenômeno estrutural e estruturante” (2011, p. 102). Cabe aqui o conceito de *artista-cidadão*, a serviço de sua comunidade, cunhado pelo poeta Sérgio Vaz, no *Manifesto Antropofágico da Periferia*. Artista que, consciente tanto de sua marginalização

social e territorial, engendra seu ativismo social e sua atividade estética por meio da palavra literária.

O dilema coletivo transparece como o dispositivo nuclear da produção literária marginal e periférica, todavia são os próprios atores periféricos que tomam o protagonismo da cena teórica e atuam no palco de interpretação, elucidando os mecanismos de exclusão social. Para tanto, a escritura marginal e periférica subtende, desde o princípio, o caráter marginal das produções, sob o istmo de

Marginalidade compreendida como participação desigual e subalternizada no sistema social e literário, em sua forma produtiva (no que tange aos recursos), distributiva (enquanto acesso a um público) e de consumo (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação (MEDEIROS, 2011, p. 51)

Assim, a narrativização da órbita marginal e periférica, explorada por escritores oriundos de favelas, periferias e espaços prisionais, enraizada num projeto político que extrapola o próprio terreno da literatura, com engajamento comprometido contra a opressão social, privilegiando temáticas frequentemente voltadas para a realidade marginal e subalterna, englobando questões como crime, desigualdade, preconceito, violência, miséria, liberdade, superação, redenção, com uma linguagem pautada geralmente na oralidade, e entrelaçando num mesmo suporte celeuma de gêneros literários distintos, como, por exemplo, o romance, a memória, a reportagem, tudo isso, como explica Alejandro Reyes Arias (2011, p. 13), dimensiona o projeto formal-temático, político e social do fenômeno estético organizado nas quebradas. Em termos de experiência estética, o fenômeno consubstancia a apoteose da escrevivência⁷, noção terminológica que Conceição Evaristo lapidou e discerniu com o conceito a essência de sua própria escritura.

⁷ O conceito de “escrevivência” foi registrado pela primeira vez na dissertação de mestrado da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, em 1996, intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, quando se referiu a escrita de Lima Barreto, evidenciando o *locus* social do subúrbio a uma experiência ousada em que a escrita inventiva do escritor se dava a partir de uma interrelação que transbordava o ato de “escrever-inscrevendo-e-se-vendo” (EVARISTO, 1996, p. 27). No entanto, desde essa primeira menção até o momento, o conceito ganhou novos contornos, com ênfase na Mesa de Escritoras Afro-Brasileiras, do XI Seminário Nacional Mulher e Literatura e no II Seminário Internacional Mulher e Literatura, em 2005, quando a escritora associou o termo à escrita de mulheres negras. Dito isso, destacamos que o conceito hoje pode ser empregado sob dois segmentos, como nos lembra a pesquisadora Fernanda Felisberto, em encontro online, pelo Instituto de Estudos Avançados da USP, em setembro de 2022, intitulado *Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença*: primeiro um emprego que se ampara na formação aglutinada da palavra escrever+viver, e segundo uma genealogia, uma ideia que tem em seu ponto nuclear “a força motriz de mulheres negras que nos antecederam”, remetendo à figura da Mãe Preta, como referência primeira na contação de histórias no passado colonial, e que hoje também imagetivamente é retomada pelas escritoras negras, como tributo a uma voz, ancestral, que ao ser corporificada no texto alavanca a potência enunciativa de um contradiscurso cristalizado, na memória nacional, como subserviências e ausências “para alguém que de posse da caneta se vinga e constrói outras possibilidades de mundo para seus pares e para nossa resistência coletiva” (FELISBERTO, 2022, Informação verbal).

Como Reyes assevera, em termos de relações de força que organizam a legitimidade do campo literário, a disputa conceitual em prol de produção, circulação e teorização de uma literatura marginal e periférica,

explícita, portanto, uma diferença: não é a mesma coisa escrever do ponto de vista do favelado, periférico, marginal, que do ponto de vista da classe média, e essa diferença tem de ser reconhecida e salientada, inclusive porque é essa diferença o que possibilita um olhar aguçado sobre a doença do país e do mundo (REYES, 2011, p. 7).

Reyes advoga por um tipo de experiência hermenêutica que pela dificuldade de nomeação e delimitação teórica é mais significativo concentrar primeiro no fenômeno, visando esboçar os traços gerais, e posteriormente, quando a ideia externalizar clareza e forma, enfim, “nomeá-lo, com o uso de um termo provisório, sem dúvida arbitrário e inevitavelmente problemático” (2011, p. 13).

Uma década após a publicação do texto de Medeiros há evidências substanciais, e um acúmulo de textualidades expandidas, entre publicações veiculadas por editoras independentes, performances de sarau divulgadas e publicizadas nas diversas mídias, proliferação de coletivos literários, a exemplo da rede Periferia Brasileira de Letras⁸, e outras formas de divulgação e publicização de manifestações literárias provenientes dos territórios vulnerabilizados que depõem contra o viés categórico a que Antonio Candido resumiu outrora o sistema literário na tríade autos/obra/público leitor, embora aguardando o trabalho de uma crítica, teoria e história literária sistematizadas para sua historicização, sua análise e sua exposição teórica, no âmbito próprio dos estudos literários, mas que no seu cômputo de acúmulo e dispersão demovem a categorização de apenas problemática e, de outra maneira, com consequência epistemológica robusta para sua incorporação na classe dos conceitos.

Há muito por se fazer, no entanto, a fortuna crítica em torno dessa questão vem crescendo vertiginosamente.

Convocações: sem ponto-final

O desenho apresentado evidencia caminhos que extravasam o texto escrito. Como horizonte especulatório se realça a necessidade de explorar esse campo ainda novo e com uma vasta diversidade de composição. A linguagem viva e cotidiana da periferia emana a potência

⁸ Como sítio da rede na internet informa: “a Periferia Brasileira de Letras é uma rede composta por coletivos literários que atuam em territórios de alta vulnerabilidade social. Com presença nacional, a PBL busca a territorialização de políticas públicas e a produção de conhecimento (pesquisas, seminários e publicações) sobre literatura em favelas e periferias brasileiras”. Disponível em: <https://periferiabrasileiradeletras.org/>.

de seus mais velhos na figura de Carolina Maria de Jesus, Sérgio Vaz e tantos outros num canto uníssono de liberdade poética e criativa, pois se outrora o sarau da Cooperifa abriu espaço para as vozes periféricas, ou os Cadernos Negros para os textos escritos, hoje as batalhas de rima, as batalhas de slams, os coletivos literários, as bibliotecas comunitárias, as editoras independentes, bem como a propositura neste artigo sobre essa discussão necessária em um campo minado, mostra que nossa periferia está unida no centro de todas as coisas.

Nessa experiência, nossas vozes interditam, ditam e gritam o exercício da revolução no acúmulo das textualidades expandidas, entre publicações veiculadas por editoras independentes, performances de sarau divulgadas e publicizadas nas diversas mídias, proliferação de coletivos literários, a exemplo da rede Periferia Brasileira de Letras. Nossas formas de publicizar e divulgar em um arsenal heterogêneo clamam a precisão desses conceitos no campo de batalha das discussões críticas.

Conforme expressado por Antonio Candido no crucial ensaio que derivou de sua reflexão oriunda da maturidade de seu pensamento sociológico, *O direito à literatura*, “só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras” (1988, p. 189), e tais barreiras, ainda muito poderosas, só serão derrubadas por meio de estratégias de ocupação da cena histórica, social e cultural, manifestadas na contemporaneidade, por exemplo, pela efervescência literária dos coletivos periféricos.

Assim, pela consciência de saber que a rua é nós, e que tudo que nós tem é nós, relembremos o exercício da escrevivência que outrora o menino Vitor, de seis anos, respondeu ser: “É escrever de nós” de mão dadas com o manifesto da antropofagia periférica: é tudo nosso!

Reafirmamos as várias modalidades da escrita marginal e periférica, escritas *mundus*, ora resistentes no formato gráfico, ora no gestual, no performático de uma voz, de um corpo que presentifica não só falar como subalternizado, para convocar Gayatri Spivak, mas ser ouvido, pois já destruimos os orifícios das máscaras.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Alejandro Reyes. *Vozes dos porões: a literatura periférica do Brasil*. Disponível em: <
https://escholarship.org/content/qt6tn3622m/qt6tn3622m_noSplash_bce0163b47bf308d30592b1ce3998443.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2023

CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (orgs.). *Poesia nas quebradas: literatura marginal, volume 2*. Planaltina: Edições Kisimbi, 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

FELISBERTO, Fernanda. *Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença*. Conferência apresentada ao Instituto de Estudos Avançados da USP — Universidade de São Paulo - Cátedra Olavo Setúbal. São Paulo, Brasil, 27 set, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sv_VUp7RcFY>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Epifania / Presentificação / Dêixis: futuros para as Humanidades e as Artes. Em: *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Letras, (26), 63–81. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em: 01 set. 2023.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *'Literatura marginal': os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo: [s. n.], 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374779/mod_resource/content/0/Medeiros_Insolito_Lit_negra_e_periferica.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

SILVA, Francisco Pereira da. *A vida dos grandes brasileiros: Castro Alves*. São Paulo: Editora Três Ltda, 2001.

VAZ, Sergio. *Manifesto da Antropofagia periférica*. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 04 jan. 2023.